

Há 90 anos, ocorrida a Revolução Industrial, a ampliação do capitalismo a nível internacional levou a classe dominante brasileira a romper com o sistema escravagista colonial, tal como ocorre nas épocas de ruptura política, aquela deu-se de forma gradual, lenta e segura. Evidentemente isto nos leva a perceber o outro lado da questão, a saber: a participação de outras camadas sociais dentro da luta pela abolição e a própria participação dos devidamente interessados nessa luta.

O trabalho escravo tornava-se desinteressante dentro desse novo meio de produção, porém a mudança não poderia ser radical, tornou-se necessário manter as novas forças sociais devidamente entrelaçadas com as forças antigas. A permanência de resquícios coloniais na nossa vida cultural é uma mostra nesse sentido. E a formação de uma sociedade de classes aguçou de forma sistemática todas as contradições, de épocas anteriores, não resolvidas. Mesmo porque as resoluções às inúmeras contradições existentes dentro do nosso sistema só se serão possíveis com a sua supressão.

Passado 90 anos de Abolição, a situação não mudou em seu substancial, a situação do Negro continua degradante. Marginalizado e esmagado socialmente. O censo de 1950, mostrava que 70% dos negros eram analfabetos. Desde então, o item cor foi abolido dos formulários dos órgãos de pesquisas. Quantos de nós estarão desempregados, subempregados ou nas cadeias?

Como vivem nossas crianças? Estão mal alimentadas, sem roupas, escolas e assistência médico-hospitalar. É preciso ensiná-las a acreditar que é possível construirmos uma nova sociedade, onde poderemos acabar com o racismo, a fome, a criminalidade e outros males sociais.

Por estes motivos o 13 de Maio tem que ser para nós, não um dia de festa, mas de denúncia. Denúncia de um sistema social que tirou o negro da senzala e o impediu de participar de uma nova maneira de produção. Será que somente com outra abolição, o negro conseguirá alcançar seus direitos de cidadão?



afro
latino
américa

por Rui Veiga

fotos de Cláudia Celidônio

diálogo dos explorados

querendo conceder ao índio. Emancipação esta que não respeita o modo de vida deste povo, porque fornece dez alqueires de terra para cada índio individualmente, desrespeitando o caráter estritamente comunitário que possui o modo de vida indígena. A tutela atual, não é naturalmente o regime ideal para o índio, principalmente porque com ela o elemento indígena é considerado pela lei brasileira «relativamente capaz» e não senhor de suas próprias decisões.

Este ano, no dia 13 de maio completam-se 90 anos da abolição. O negro foi emancipado. Mas aí é que vem a pergunta: em que condições? O negro foi emancipado, sem direito à terra e sem acesso ao mercado de trabalho, que havia sido todo entregue ao imigrante europeu, cuja vinda tinha sido incentivada pelos governantes brasileiros no final do século passado. E com isso o negro foi se marginalizando. É importante, que os índios atentem para a emancipação que lhe estão querendo conceder, porque correm o risco de ficar abandonados, sem terra e com seu modo de vida destruído, em favor de alguns projetos de exploração multinacionais, como o Projeto Jari.

A consequência da emancipação do negro foi a marginalização.

MAIRAUÉ: É, eu também acho que tanto faz negro ou índio, tudo é explorado. Os dois destruídos, aos pouquinhos. Hoje tem muito pouco índio e o branco explora mais ainda. E mata. As coisas do índio foram destruídas e as terras da gente roubada pelo homem branco.

O branco é um homem que tem coisas que eu não entendo. Nós da aldeia nos tratamos todos de irmão, mas entre branco tem o que manda e toma a terra, e o que vai lutar contra o índio como mandado. O branco que tem pouca terra não faz estragos, mas o grande fazendeiro invade tudo. Tem dinheiro, tem armas. Felizmente agora voltamos a aumentar a nossa gente e devemos nos juntar todos como irmãos para saber se defender do branco. O branco será sempre mais forte, enquanto a gente for pouco e tiver do jeito que estamos, um para cada lado.

Nós como o negro temos que mostrar para o branco que temos o direito de viver. Temos que ter o nosso deus, o nosso modo de viver. É engraçado, muitas vezes o branco diz: «Vocês têm que viver como nós e acabar com essas festas». Eu gostaria de saber como é que um branco viveria como um índio. Nós queremos dizer para o homem civilizado da cidade, que eles são civilizados porque acreditam que são, porque para nós eles são iguais.

PUYÚ: Nós antigamente éramos felizes. Nossa gente vivia toda junta. Até que um fazendeiro separou tudo, quando tomou a terra. Nosso povo ia desaparecer se não retirassem a gente do nosso território. Isso quem fez foram os dois: Cláudio e o Orlando (Villas Boas). Não se pode tomar terra índia. Quando vieram os fazendeiros, nós tentamos falar para eles irem embora, mas eles deram tiro na gente. Ai nós fomos



Dois índios e um negro encontram-se. Conversam. A nação, a história, as condições de vida e a emancipação. O racismo, o extermínio físico e cultural — males comuns. O que fazer? No centro de São Paulo.

Negro e índio, duas etnias exploradas, encontram-se nas páginas de Versus e discutem os problemas mais importantes, que os afetam dentro da sociedade em que vivemos. O opressor procura individualizá-los e com isso torná-los presa mais fácil do processo de acumulação de riquezas e do modelo político desenvolvimentista que está em vigor no país. Um modelo que considera o índio como um empecilho para o «desenvolvimento», e o negro mão-

de-obra barata e membro constante do exército de reserva para garantir a continuidade do processo de exploração social.

RAFAEL: Como negro a nossa dificuldade de chegar ao mercado de trabalho, a marginalização nas grandes cidades, que nos obriga a viver em favelas e morros, a destruição da nossa cultura e a perseguição que a nossa religião sofreu. Tudo com um sentido bem claro, o de preservar a dominação do branco sobre os demais povos e acumular as riquezas da sociedade nas mãos de alguns poucos.

Sabemos que existem brancos explorados, mas a exploração que o índio e o negro sofrem é muito maior, porque além do problema das relações de produção, a divisão da sociedade em classes, nossas etnias sofrem uma segunda exploração, que é a destruição da identidade e da cultura, como forma de manter ainda mais essa exploração que já mencionei antes.

Hoje existe um problema candente para a questão indígena, que é o da emancipação que o governo está

MAIRAUÉ (Sol Azul): Índio kajabi. Residente no Parque Xingú. Chefe de Posto Indígena de Auarun. Tem 28 anos e foi criado por Cláudio Villas Boas.
RAFAEL PINTO: Negro. Estudante de Ciências Sociais na USP. Tem 29 anos e pertence a grupos que trabalham pela defesa do elemento negro.

PUYÚ: Índio sukarramaen. Tem 18 anos. Vive no Parque Xingú. é funcionário do posto de Mehuarin.

para o Parque do Xingú e lá nós estamos procurando resistir. Tem branco que já tentou invadir, mas agora a gente vai matar mesmo.

O TRABALHO E AS RELAÇÕES DO ÍNDIO COM A TERRA

MAIRAUÊ: Minha gente veio do Tapajós. Eu nasci na região do alto Tapajós. Sou kajabi e tenho orgulho de ser indígena e da minha nação. Meus pais já moravam naquelas terras antes dos brancos chegarem. Lá estão nossos campos santos, nossos túmulos, lá o mundo foi criado para minha gente. Maira saiu de lá. Hoje naquela área não existe mais nada, está tudo na mão de fazendeiro branco. Primeiro vieram os seringueiros, depois os garimpeiros e finalmente o gado. Nossa terra foi destruída, nossa água ficou suja, nossa caça e pesca desapareceram. Uma tristeza! Índio não estraga a terra desse jeito.

Nossa gente aos poucos foi ficando sem terra. E os kajabis quase desapareceram. Também foram o Cláudio e o Orlando quem tirou a gente de lá e levou para o Parque Xingú. Eu fui criado desde menino pelo Cláudio. Se a gente tivesse ainda no Tapajós, estaríamos trabalhando para branco, como acontece com alguns de nossa raça mais para o sul. Vamos sim defender o Parque como Puyú falou, porque é a nossa última terra, de lá não temos para onde ir.

RAFAEL: Tão logo aconteceu a Abolição, a maioria dos negros ficaram sem trabalho. O homem negro não tinha onde trabalhar e quem foi obrigado a sustentar a casa foi a mulher, como empregada doméstica ou lavadeira. Hoje mudou um pouco. O homem negro consegue emprego, mas em geral, em trabalhos que o branco não quer fazer, é o que a gente chama de sub-emprego. O Mairauê tem razão, quando diz que nem todo branco é igual, e que um explora o outro. Aqui na cidade a gente sente esse tipo de coisas. Agora, com o negro é pior ele não consegue nunca um bom emprego. Se um branco e um negro competem por um cargo, a preferência recai sempre sobre o branco.

Essa questão do sub-emprego e da repressão é muito importante, porque você vê que na cidade, quando tem uma roda de negro a polícia vem e pede documentos para todo mundo. E o que ela pede? A carteira profissional. Como o negro ou está desempregado ou vive na estrutura do sub-emprego ele não pode mostrar a carteira e vai preso.

MAIRAUÊ: Uma coisa que eu não entendo é por que o branco para sobreviver precisa passar por cima da gente, negro e índio. É difícil entender isso para mim.

RAFAEL: Isso, Mairauê, ocorre porque o branco tem riquezas, mas é uma riqueza que ele foi acumulando ao explorar as outras raças e os próprios brancos que não possuem dinheiro. Se o branco tem terra é porque ele roubou do índio...

MAIRAUÊ: É verdade, porque nós estamos aqui muito antes do português aparecer e toda terra era da nossa gente.

RAFAEL: É um exemplo. Se ele explora o negro é porque ele precisa de gente que faça os piores trabalhos ganhando o menos possível. E no roubo da terra, na exploração do negro, e da mão-de-obra do branco, quem ganha são os poderosos: fazendeiros, banqueiros, industriais...

MAIRAUÊ: Eu acho errado que o branco faça isso. Vejá, Rafael, eles exploram, porque querem ganhar mais dinheiro. Então o dinheiro é a vida deles. É uma exploração. O negro e o índio têm o mesmo direito à vida, não a vida do dinheiro. Todos nós nascemos com vida. Por que você vai tirar a vida nossa? Será que o branco não tem vida, não nasceu com vida? Eles não precisam sobreviver com a vida dos outros, ele tem a dele.

TRADIÇÃO E CULTURA

PUYÚ: Antes o nosso povo andava e corria pelo mato. Eu sou sukarramaen. Minha tribo caçava e fazia festa. Eu não era nascido. Eu nasci no Parque. Meus pais e meus avós contavam que eles nunca precisavam se esconder atrás de roupa e que plantávamos milho, abóbora para comer. Lá no Xingú a gente melhorou, dizem os mais velhos, porque pudemos voltar a fazer coisas que antes não fazíamos devido aos fazendeiros. Eles não querem que nós sejamos livres.

MAIRAUÊ: Antes da chegada do branco meu povo, também era livre como os sukarramaen. Depois da chegada do branco toda nossa vida começou a ficar ameaçada. Nossos lugares santos estão profanados. Podíamos fazer nossas festas e nos pintar. Fazer a corrida, cantar e lutar o «huka-huka». Com o branco isso tudo ficou ameaçado. Nós confiamos em Cláudio e Orlando, porque eles nos trouxeram ao Parque. Mas eles me disseram que a gente tem que estar sempre vigiando. E nós ficamos de olho aberto.

RAFAEL: Nós viemos da África. Lá também tínhamos nossa cultura, nossa tradição e nossa religião. Todo o trabalho que a gente produzia era nosso. Na África nossa vida era melhor, porque era nossa. Depois veio a escravidão. Mas a gente não aceitou a escravidão. Fomos para Palmares e outros quilombos, e lá tentamos recuperar um pouco de nossa tradição perdida. E reconstruir nossa vida livre. Perdemos tudo, com a destruição da maioria dos quilombos. Veio a Abolição e nossa cultura continuou sendo esmagada. Sei que essa exploração não será eterna e que cada um de nós neg. 's' e índios devemos lutar contra ela. Devem ser preservadas as diferenças, mas devemos lutar junto naquilo que é igual e ajudar-nos um ao outro.

LÍNGUA E IDENTIDADE

MAIRAUÊ: Eu sou kajabi! Não existe índio, mas vários índios, com línguas diferentes. Para mim continuar sendo kajabi, tenho que saber meu idioma. Eu já vi tanto índio, que aprende o português mal e esquece sua língua. Estes deixam de ser índios, porque já não falam com sua gente, e não são brancos. A gente tem que aprender a língua do branco para aprender a lidar com ele, entender suas leis e se defender da burocracia que tanto explora o índio. Eu aprendi o português, mas continuo falando o kajabi junto com a minha gente e não quero deixar de falar meu idioma. É importante que a gente tenha também uma linguagem escrita, para poder saber transmitir as coisas nossas por mais tempo.

PUYÚ: Sukarramaen não perde a sua língua. Se um dia eu perder, não sei o que vou fazer, porque branco eu sei que eu não vou ser. Eles não deixam e eu não quero.

RAFAEL: Nós perdemos nossa língua, o iorubá, o que existe hoje dela são fragmentos. Uma coisa é verdade no que o Puyú e o Mairauê falaram, a língua une uma nação. Para o índio, a língua é uma forma de resistência. Para o negro o mais importante foi o candomblé, nossa religião, porque manteve acessas nossas tradições e costumes sem que perdêssemos nossa identidade.

SAÚDE E CRESCIMENTO

PUYÚ: A nossa população cresceu dentro do parque Xingú. Mas fora do Parque nossa vida era mais

despreocupada. Não tinha doença como sarampo, gripe, maleita e essas doenças que o branco traz para as mulheres de índio. Na época em que a gente vivia mais no norte, fora da reserva, e sem o branco, nosso povo era forte. Índio só morria bem velhinho. Hoje índio que vive fora do parque está bebendo, que nem garimpeiro. Está morrendo de doença feia e não tem remédio. Antes nós não precisávamos de remédio. Tínhamos alguns remédios feito de mato e erva, mas eram pouco usados. Agora, mesmo dentro do parque Xingú a gente está precisando de remédio da cidade e de médicos. E assim mesmo tem índio morrendo de criança. Tem índio doente e com problemas de saúde grave.

MAIRAUÊ: O Puyú está certo. Só que felizmente para nós a nossa população está crescendo, tanto a kajabi como a sukarramaen. O que não aconteceria se a gente tivesse bebendo a água suja do gado e estando em contato com o branco. Não quero dizer que os mais velhos não prefeririam estar nas velhas terras, sem branco e sem doença. Isso já não é mais possível.

RAFAEL: Dentro da cidade o negro tem problemas, como o lugar onde ele vive, que em muitos casos são as favelas e portanto não existe saneamento básico. Tanto que a população negra sofre de muitas endemias, como a malária, a leishmaniose e outras, como aconteceu com o surto de meningite que matou muitas crianças negras. O processo de mortalidade infantil na população negra é muito intenso e morre muita gente nos asilos em plena miséria e doentes. Sem contar que nós não temos acesso a dentistas e médicos.

ORGANIZAÇÃO DO NEGRO E A LUTA DO INDÍGENA

RAFAEL: Uma coisa que eu quero falar e que acho muito importante: o negro e o índio sempre lutaram juntos contra a exploração do branco. O quilombo dos Palmares é um exemplo. Lá moraram muitos índios em perfeita convivência com os negros e identificando, em comum, quem é o explorador.

Eu acho que nós devemos nos aproximar do índio, através de diálogos, de contatos pessoais ou por entidades para manter um intercâmbio de idéias e da situação da exploração que cada um sofre. E denunciar em conjunto, com os que são contra, toda exploração, toda exploração ou violentação de que somos vítimas por parte dos brancos. Para isso temos que identificar o opressor, o branco que controla a produção: fazendeiro, industrial ou banqueiro.

MAIRAUÊ: O principal para o índio é se defender e garantir sua terra como propriedade da comunidade. Precisamos aprender as coisas do branco como eu disse, mas sem deixar de ser índio. Todos os índios, todas as tribos tem que ficar unidas para manter nossa terra quando o branco tentar roubar a gente. Acho que a gente tem que denunciar, como o Rafael falou, toda a exploração. Todo mundo deve denunciar: negro, índio e branco que não aceita a exploração.

